

E L James  
**As Cinquenta Sombras**  
– Livre

*Fifty Shades Freed*

Traduzido do inglês por  
Carla Melo



# TÍTULO ORIGINAL

## FIFTY SHADES FREED

© 2011, Fifty Shades Ltd 2011

A autora publicou uma versão anterior desta história *online*, com personagens diferentes, como "Masters of the Universe", sob o pseudónimo Snowqueen's Icedragon.

Esta é uma obra de ficção. Todos os nomes, locais e incidentes nela mencionados são utilizados ficcionalmente ou são produto da imaginação do autor. Quaisquer semelhanças com pessoas reais, vivas ou mortas, acontecimentos ou locais, são mera coincidência.

1.ª Edição / novembro de 2012

ISBN: 978-989-23-2142-4

Depósito Legal n.º: 349391/12



[Uma chancela do grupo LeYa]  
Rua Cidade de Córdova, n.º 2  
2610-038 Alfragide  
Tel. (+351) 21 427 22 00  
Fax. (+351) 21 427 22 01  
luadepapel@leya.pt  
editorialuadepapel.blogs.sapo.pt  
www.luadepapel.pt

*Para mi mamá con todo mi amor y gratitud*  
E para o meu querido pai  
Papá, sinto a tua falta todos os dias

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Niall, o meu rochedo.

A Kathleen, por ser uma fantástica ouvinte, amiga, confidente e maga da informática.

A Bee, pelo interminável apoio moral.

A Taylor (outro mago da informática), Susi, Pam e Nora, por mostrarem a uma rapariga como se pode divertir.

E pelo conselho e tato gostaria mesmo de agradecer:

À Dr.<sup>a</sup> Raina Sluder, pelo auxílio em todas as questões médicas; a Anne Forlines, pelos conselhos financeiros; a Elizabeth de Vos, pelos amáveis conselhos quanto ao sistema de adoção norte-americano.

Agradeço a Maddie Blandino, pela sua arte maravilhosa e inspiradora.

E a Pam e Gillian, pelos cafés de domingo de manhã e por me trazerem de novo para a vida real.

Agradeço ainda à minha equipa editorial, Andrea, Shay e a sempre encantadora e apenas ocasionalmente disparatada Janine, que tolera as minhas tolices com paciência, resistência e um grande sentido de humor.

Agradeço a Amanda e a toda a equipa da The Writer's Coffee Shop Publishing House e, por fim, deixo um enorme «obrigada» a todo o pessoal da Vintage.

## PRÓLOGO

Mamã! Mamã! A mamã está a dormir no chão. Já dorme há muito tempo. Escovo-lhe o cabelo porque ela gosta. Não acorda. Abano-a. Mamã! Dói-me a barriga. Ele não está aqui. Tenho sede. Na cozinha, encosto uma cadeira ao lava-loiça e bebo. A água salpica-me a camisola azul. A mamã continua a dormir. Mamã, acorda! Não se mexe. Está fria. Vou buscar a minha mantinha, tapo-a e deito-me ao lado dela no tapete verde e pegajoso. A mamã está a dormir. Tenho dois carrinhos. Correm pelo chão onde a mamã está deitada. Acho que a mamã está doente. Procuo qualquer coisa para comer. No congelador, encontro ervilhas. Estão frias. Como-as devagar. Dão-me dores de barriga. Durmo ao lado da mamã. As ervilhas acabaram. Há qualquer coisa no frigorífico. Tem um cheiro esquisito. Lambo-a e fico com a língua colada à coisa. Sabe mal. Bebo água. Brinco com os meus carrinhos e durmo ao lado da mamã. A mamã está tão fria e não acorda. A porta abre-se. Tapo a mamã com a minha mantinha. Ele está aqui. *Foda-se. Que merda se passou? Oh, esta cabra marada. Merda. Foda-se. Sai-me do caminho, pirralho de merda.* Dá-me um pontapé e eu bato com a cabeça no chão. Dói-me a cabeça. Ele liga a alguém e vai-se embora. Tranca a porta. Deito-me ao lado da mamã. Dói-me a cabeça. Chegou a senhora polícia. Não. Não. Não. Não me toquem. Não me toquem. Não me toquem. Eu fico com a mamã. Não. Deixem-me. A senhora polícia tem a minha mantinha e agarra-me. Grito. Mamã! Mamã! Quero a minha mamã. As palavras desaparecem. Não consigo dizer as palavras. A mamã não me ouve. Não tenho palavras.

– Christian! Christian! – A sua voz é urgente, arranca-o às profundezas do pesadelo, às profundezas do desespero. – Estou aqui. Estou aqui. Ele acorda e ela está debruçada sobre ele, a segurar-lhe os ombros,

com o rosto contorcido pela angústia, os olhos azuis arregalados e cheios de lágrimas.

– Ana. – A voz dele é um sussurro ofegante, o sabor do medo queima-lhe a boca. – Estás aqui.

– Claro que estou aqui.

– Tive um sonho...

– Eu sei. Estou aqui. Estou aqui.

– Ana. – Ele segreda o nome dela e é um talismã contra o pânico negro e sufocante que lhe percorre o corpo.

– Chiu, estou aqui. – Ela enrola-se nele, com os membros a formarem um casulo à volta dele, o calor dela a libertar-se no corpo dele, expulsando as sombras, fazendo o medo recuar. Ela é um raio de sol, ela é luz... ela é sua.

– Por favor, não vamos discutir.

Ele fala com uma voz rouca enquanto a envolve nos seus braços.

– Ok.

– Os votos. Sem obediência. Eu consigo fazer isso. Arranjaremos uma forma. – As palavras saem-lhe da boca num corrúpio de emoção, confusão e ansiedade.

– Sim. Arranjaremos. Encontraremos sempre uma forma – sus-surra ela. Depois pousa os lábios nos dele, silenciando-o, levando-o de novo para o momento presente.

## CAPÍTULO UM

Espreito por entre os intervalos do chapéu de sol de palha e fito o céu azulíssimo, azul de verão, azul de Mediterrâneo, com um suspiro satisfeito. Christian está ao meu lado, deitado numa espreguiçadeira. O meu marido – o meu marido lindo e sensual, em tronco nu e de calções de ganga – está a ler um livro que prevê o colapso do sistema bancário ocidental. Ao que tudo indica, é impossível parar de o ler. Nunca o tinha visto tão quieto. Parece mais um estudante do que o CEO de uma das maiores empresas privadas dos Estados Unidos.

Na última parte da nossa lua de mel, preguiçamos sob o sol da tarde na praia do hotel com o nome apropriado Beach Plaza Monte Carlo, no Mónaco, embora não estejamos lá hospedados. Abro os olhos e observo o *Fair Lady* ancorado na doca. Estamos instalados, como é óbvio, a bordo de um iate motorizado de luxo. Construído em 1928, flutua majestosamente na água, rei de todos os iates da marina. Parece um brinquedo de corda. O Christian adora-o – suspeito de que se sente tentado a comprá-lo. Sinceramente... os rapazes e os seus brinquedos.

Recostando-me, escuto a seleção musical de Christian Grey no meu iPod e dormito sob o sol da tardinha, enquanto recorro ociosamente a sua proposta de casamento. Oh, o pedido de casamento de sonho na casa dos barcos... Quase sinto a fragrância das flores silvestres...

– Podemos casar amanhã? – murmura ele suavemente junto à minha orelha.

Eu estou deitada sobre o peito dele no caramanchel da casa da marina, saciada depois da sessão apaixonada de amor.

– Hum.

– Isso é um sim? – Ouço a sua surpresa esperançada.

– Hum.

– Um não?

– Hum. – Pressinto o seu sorriso.

– Miss Steele, é incoerente?

Sorriso também.

– Hum.

Ele ri-se, abraça-me com força e dá-me um beijo no cocuruto.

– Las Vegas, amanhã, então.

Sonolenta, levanto a cabeça.

– Acho que os meus pais não iam ficar muito contentes com isso.

Ele tamborila as pontas dos dedos nas minhas costas nuas, acariciando-me com delicadeza.

– O que queres, Anastasia? Las Vegas? Um grande casamento com todos os extras? Diz-me.

– Grande não... Só amigos e familiares. – Olho para ele, como-vida com o apelo silencioso dos seus olhos brilhantes e cinzentos.

O que quer ele?

– Ok. – Ele acena com a cabeça. – Onde?

Encolho os ombros.

– Podia ser aqui? – pergunta, hesitante.

– Na casa dos teus pais? Eles não se importavam?

Ele resfolega.

– A minha mãe ficaria no sétimo céu.

– Então fazemos aqui. Tenho a certeza de que a minha mãe e o meu pai prefeririam assim.

Ele acaricia-me o cabelo. Poderia eu ser mais feliz?

– Então, já estabelecemos onde, agora falta decidir quando.

– Deves ter de perguntar à tua mãe.

– Hum. – O sorriso de Christian cresce. – Posso dar-lhe um mês, não mais. Quero-te demasiado para esperar.

– Christian, tu já me tens. Já me tens há algum tempo. Mas está bem... um mês então. – Beijo-lhe o peito, com um beijo suave e terno, e sorrio-lhe.

– Vais-te queimar – sussurra-me Christian ao ouvido, despertando-me da minha dormência.

– Só por ti. – Ofereço-lhe o meu sorriso mais doce. O sol da tarde moveu-se e eu fiquei mesmo sob os seus raios. Ele ri-se e, com um movimento fluido, passa a minha espreguiçadeira para a sombra do chapéu de sol.

– Quero-a fora do alcance do sol mediterrânico, Mrs. Grey.

– Obrigada pelo seu altruísmo, Mr. Grey.

– O prazer é todo meu, Mrs. Grey, e não estou a ser altruísta de todo. Se apanhares um escaldão, não poderei tocar-te. – Arqueia uma sobrancelha, com um brilho de divertimento nos olhos, e o meu coração expande-se. – Mas desconfio de que sabes disso e estás a rir-te de mim.

– Eu faria isso?! – exclamo, fingindo inocência.

– Sim, farias e fazes. Muitas vezes. É uma das muitas coisas que adoro em ti.

Reclina-se e beija-me, mordiscando-me o lábio inferior de forma provocadora.

– Estava com esperança de que me massajasses com mais protetor solar. – Faço beicinho contra os lábios dele.

– Mrs. Grey, é um trabalho duro... mas eis uma oferta que não posso recusar. Sente-se – ordena-me com a voz rouca.

Faço o que ele me manda e, com movimentos meticulosos dos seus dedos fortes e flexíveis, cobre-me de protetor solar.

– És mesmo encantadora. Sou um homem com sorte – murmura enquanto os seus dedos me percorrem o peito, para espalhar a loção.

– Sim, é, Mr. Grey. – Lanço-lhe um olhar tímido por entre as pestanas.

– A modéstia favorece-a, Mrs. Grey. Vira-te. Quero pôr-te creme nas costas.

– Que reação terias se eu fizesse *topless*, como as outras mulheres desta praia? – pergunto-lhe.

– De desagrado – responde sem hesitar. – Não estou lá muito satisfeito por estares a usar tão pouca roupa. – Debruça-se e sussurra-me ao ouvido: – Não abuses da sorte.

– Isso é um desafio, Mr. Grey?

– Não. É a constatação de um facto, Mrs. Grey.

Suspiro e abano a cabeça. *Oh, Christian... meu Christian possessivo, ciumento, maniaco do controlo.*

Quando acaba, dá-me uma palmada no traseiro.

– Por agora chega, diabrete. – O seu Blackberry omnipresente e sempre ativo vibra. Franzo o sobrolho e ele esboça um sorriso trocista.  
– Só para os meus olhos, Mrs. Grey.

Arqueia uma sobrancelha num aviso divertido, dá-me outra palmada no rabo e torna a recostar-se na espreguiçadeira para atender a chamada.

A minha deusa interior ronrona. Talvez hoje à noite possamos fazer algum espetáculo só para os olhos dele. Ela sorri com um ar sapiente, arqueando uma sobrancelha. A ideia faz-me sorrir e eu volto à minha *siesta* da tarde.

– *Mam'selle? Un Perrier pour moi, un Coca-Cola Light pour ma femme, s'il vous plaît. Et quelque chose à manger... laissez-moi voir la carte.*

Hum... a cadência fluente de Christian a falar francês acorda-me. As minhas pestanas tremulam sob o brilho do sol e deparo-me com Christian a observar-me enquanto uma criada jovem de *libré* se afasta, de tabuleiro na mão e o rabo-de-cavalo a oscilar, provocador.

– Tens sede? – pergunta-me.

– Sim – murmuro, sonolenta.

– Era capaz de passar o dia a olhar para ti. Estás cansada?

Coro.

– Não dormi muito ontem à noite.

– Nem eu. – Sorri, pouso o BlackBerry e levanta-se. Os seus calções descem um pouco... revelam os calções de banho que usa por baixo. Ele despe os calções e descalça os chinelos. Perco o fio aos pensamentos. – Vem nadar comigo. – Estende-me a mão enquanto fico a olhar para ele, estonteada. – Nadar – volta a dizer, inclinando a cabeça para o lado, com uma expressão divertida no rosto. Como não respondo, abana lentamente a cabeça. – Acho que precisas de ser acordada.

De repente, salta e pega-me ao colo enquanto eu guincho, mais pela surpresa do que por alarme.

– Christian! Pousa-me no chão! – grito.

Ele ri-se.

– Só no mar, querida.

Vários banhistas observam-nos com aquele desinteresse bem-

-disposto – tão típico, apercebo-me agora, dos Franceses – à medida que Christian me leva para o mar, a rir-se, e entra na água.

Eu aperto os braços à volta do pescoço dele.

– Não serias capaz – digo-lhe, ofegante, tentando conter as risadas.

Ele sorri.

– Oh, Ana, querida, não aprendeste nada no pouco tempo que passámos juntos?

Ele beija-me e eu aproveito a oportunidade, passando-lhe os dedos pelo cabelo, agarrando duas madeixas e correspondendo-lhe ao beijo, invadindo-lhe a boca com a minha língua. Ele inspira bruscamente e inclina-se para trás, com os olhos vidrados mas desconfiados.

– Percebo o teu jogo – sussurra e, lentamente, baixa-se na água fresca e límpida, levando-me consigo enquanto os seus lábios tornam a encontrar os meus.

Depressa esqueço o frio do Mediterrâneo ao entrelaçar as pernas à volta do meu marido.

– Pensava que querias nadar – murmuro com a boca encostada à dele.

– És uma grande distração. – Christian corre os dentes pelo meu lábio inferior. – Mas não tenho a certeza de querer que as boas gentes de Monte Carlo vejam a minha mulher a entregar-se à paixão.

Passo os dentes pelo maxilar dele, sinto a barba que me pica a língua e não me importo nem um pouco com as boas gentes de Monte Carlo.

– Ana – geme ele.

Prende-me o rabo-de-cavalo à volta do pulso e puxa-o delicadamente, inclinando-me a cabeça para trás e expondo-me a garganta. Beija-me da orelha ao pescoço.

– Levo-te para mar alto? – segreda.

– Sim – sussurro eu.

Christian afasta-se e observa-me, com os olhos cálidos, desejosos e divertidos.

– Mrs. Grey, é insaciável e ousada. Que monstro criei?

– Um monstro à tua medida. Querias que eu fosse diferente?

– Possuo-te como quer que sejas, sabes isso. Mas não agora. Não com público.

Aponta para a costa com um gesto da cabeça.

*O quê?*

E, de facto, vários banhistas na praia abandonaram a indiferença e observam-nos agora com interesse. De repente, Christian agarra-me pela cintura e atira-me ao ar, deixando-me cair na água e afundar-me nas ondas até à areia macia. Venho à superfície, a tossir, a engasgar-me e a rir.

– Christian! – ralho-lhe, com um olhar furioso. Pensava que íamos fazer amor no mar... e riscar mais uma primeira vez. Ele morde o lábio inferior para abafar o riso. Atiro-lhe com água e ele faz-me o mesmo.

– Temos a noite toda – diz ele, com um sorriso de orelha a orelha.  
– Adeusinho, querida.

Mergulha no mar e emerge a um metro de mim, após o que, num *crawl* fluido e gracioso, se afasta da costa e de mim.

*Ora! Cinquenta Sombras provocante e tentador!* Escudo os olhos do sol com a mão enquanto o vejo afastar-se. É tão provocador... o que posso fazer para que regresse? Enquanto nado para a costa, contemplo as opções que tenho. Nas espreguiçadeiras, as nossas bebidas já chegaram e dou um pequeno gole na minha Coca-Cola. Christian é apenas um ponto ao longe.

*Hum...* deito-me de barriga para baixo e, debatendo-me com as fitas do biquíni, tiro a parte de cima e lanço-a descontraidamente para a espreguiçadeira de Christian. Pronto... veja quão ousada sou capaz de ser, Mr. Grey. Toma e embrulha. Fecho os olhos e deixo que o sol me aqueça a pele... que me aqueça os ossos e me faça divagar sob o calor, com os pensamentos a voltarem-se para o dia do meu casamento.

– Pode beijar a noiva – anuncia o reverendo Walsh.

Sorrio ao meu marido.

– Finalmente, és minha – sussurra ele, puxando-me para os seus braços e dá-me um beijo casto nos lábios.

Estou casada. Sou Mrs. Grey. Estou tonta de alegria.

– Estás linda, Ana – murmura ele e sorri, com os olhos a brilhar de amor... e de algo mais sombrio, algo ardente. – Não deixes que ninguém te dispa esse vestido sem ser eu, compreendes?

O seu sorriso aquece enquanto me percorre a face com a ponta dos dedos, inflamando-me o sangue.

*Caramba... Como é que ele faz isto, até aqui, com todas estas pessoas a olharem para nós?*

Aceno com a cabeça, em silêncio. Espero que ninguém nos consiga ouvir. Por sorte, o reverendo Walsh chegou-se discretamente para trás. Olho de relance para o grupo reunido, nas suas melhores roupas de casamento... a minha mãe, Ray, Bob e os Grey estão a aplaudir – até Kate, a minha madrinha, que fica espetacular de rosa-claro, ao lado do padrinho de Christian, o seu irmão Elliot. Quem diria que até Elliot seria capaz de se apresentar tão bem? Todos têm sorrisos enormes e iluminados – exceto Grace, que chora graciosamente para um elegante lenço branco.

– Pronta para se divertir, Mrs. Grey? – murmura Christian, oferecendo-me um sorriso tímido.

Derreto-me. Ele fica divinal num simples *smoking* preto com o colete e a gravata prateados. É tão... *elegante*.

– Pronta como sempre estarei – respondo com um sorriso apatetado.

Mais tarde, a festa do casamento está no auge... Carrick e Grace deram o seu melhor. Voltaram a montar a tenda e decoraram-na airosoamente em tons de rosa-claro, prateado e marfim, com os lados abertos, de frente para a baía. Fomos abençoados por um tempo fantástico e o sol da tarde brilha sobre a água. Há uma pista de dança numa ponta da tenda, um *buffet* generoso na outra.

Ray e a minha mãe estão a dançar e a rir-se. Tenho sentimentos contraditórios ao vê-los juntos. Espero que eu e o Christian duremos mais. Não sei o que faria se ele me deixasse. *Quem casa muito prontamente, arrepende-se muito longamente*. O ditado atormenta-me.

Kate está ao meu lado, tão linda no seu vestido comprido de seda. Olha de relance para mim e franze o sobrolho.

– Ei, este devia ser o dia mais feliz da tua vida – ralha-me.

– E é – sussurro.

– Oh, Ana, o que se passa? Estás a ver a tua mãe e o Ray?

Assinto com a cabeça, triste.

– Estão felizes.

– São mais felizes separados.

– Estás com dúvidas? – pergunta Kate, alarmada.

– Não, de todo. É só que... amo-o tanto. – Interrompo-me, sem conseguir ou sem querer verbalizar os meus medos.

– Ana, é óbvio que ele te adora. Sei que a vossa relação teve um começo pouco convencional, mas vejo que têm estado muito felizes no último mês. – Agarra-me as mãos e aperta-as. – Além disso, agora é demasiado tarde para isso – acrescenta com um sorriso de orelha a orelha.

Solto uma risada. Kate está sempre disposta a salientar o óbvio. Puxa-me para um Abraço Especial de Katherine Kavanagh.

– Ana, vais ficar bem. E se ele te magoar, nem que seja um cabelo, vai ter de se haver comigo. – Ao libertar-me, sorri a quem quer que se encontra atrás de mim.

– Olá, querida. – Christian põe os braços à minha volta, surpreendendo-me, e beija-me uma têmpora. – Kate – cumprimenta-a. – Continua a tratá-la com frieza, mesmo passadas seis semanas.

– Olá de novo, Christian. Vou procurar o teu padrinho, que por acaso é o meu par.

Com um sorriso dirigido a nós os dois, encaminha-se para Elliot, que está a beber com o irmão dela, Ethan, e com o nosso amigo José.

– Está na hora de irmos – murmura Christian.

– Já? É a primeira festa na qual não me importo de ser o centro das atenções. – Viro-me nos seus braços para o encarar.

– Mereces ser. Estás fantástica, Anastasia.

– Também tu.

Ele sorri, com a expressão a aquecer.

– Este lindo vestido favorece-te.

– Este trapo velho? – Coro timidamente e puxo a renda delicada do vestido simples e feito à minha medida pela mãe de Kate. Adoro que a renda seja só até aos ombros – recatado, mas sedutor, espero.

Ele inclina-se e beija-me.

– Vamos. Não quero continuar a partilhar-te com estas pessoas todas.

– Podemos deixar o nosso próprio casamento?

– Querida, a festa é nossa, podemos fazer o que quisermos. Já partimos o bolo. E, agora, gostava de te levar daqui e ficar contigo só para mim.

Solto um risinho.

– Vai ter-me durante o resto da vida, Mr. Grey.  
– Muito folgo em ouvi-lo, Mrs. Grey.  
– Oh, aí estão vocês! Os pombinhos!  
Resmungo mentalmente... a mãe de Grace encontrou-nos.  
– Christian, querido... mais uma dança com a tua avó?  
Christian contrai os lábios.  
– Claro, avó.  
– E tu, linda Anastasia, vai dar uma alegria a um velhote... dança com o Theo.  
– O Theo, Mrs. Trevelyan?  
– O avô Trevelyan. E acho que podes chamar-me “avó”. Agora, vocês têm mesmo de começar a dar-me netos. Não hei de durar muito mais. – Dirige-nos um sorriso afetado. Christian olha para ela e pestaneja, horrorizado.  
– Vamos, avó – diz ele, apressando-se a dar-lhe a mão e a levá-la para a pista de dança. Olha para mim, quase a fazer beicinho, e revira os olhos. – Adeusinho, querida.  
Enquanto avanço para o avô Trevelyan, José aborda-me.  
– Não te vou pedir outra dança. Acho que já monopolizei demasiado o teu tempo na pista de dança... Fico feliz por te ver feliz, mas estou a falar a sério, Ana. Estarei aqui... se precisares de mim.  
– José, obrigada. És um bom amigo.  
– É sentido. – Os seus olhos escuros brilham com sinceridade.  
– Eu sei que é. Obrigada, José. Agora, se me dás licença... tenho um encontro com um velhote.  
Confuso, ele franze o sobrolho.  
– O avô do Christian – esclareço.  
Ele sorri.  
– Boa sorte para isso, Annie. Boa sorte para tudo.  
– Obrigada, José.  
E, depois de dançar com o avô encantador de Christian, fico diante das janelas de sacada, observando o Sol a pôr-se sobre Seattle, lançando tons vivos de laranja e azul-marinho pela baía.  
– Vamos – insta-me Christian.  
– Tenho de mudar de roupa.

Agarro-lhe a mão, tencionando puxá-lo pelas janelas de sacada e para o andar de cima comigo. Ele franze o sobrolho, sem compreender, e resiste com delicadeza, parando-me.

– Pensava que querias ser tu a tirar-me este vestido – explico. Os seus olhos animam-se.

– Correto. – Esboça um sorriso lascivo. – Mas não te vou despir aqui. Não partiríamos até... não sei... – Acena com a sua mão de dedos compridos, deixando a frase incompleta mas o significado bem explícito.

Coro e solto-lhe a mão.

– E também não desfaças o penteado – murmura num tom sombrio.

– Mas...

– Nada de mas, Anastasia. Estás linda. E quero ser eu a despir-te.

Oh. Franzo o sobrolho.

– Traz as tuas roupas de viagem – ordena-me. – Vais precisar delas.

O Taylor tem a tua mala de viagem.

– Ok.

Qual será o plano dele? Não me contou onde vamos. Na verdade, acho que ninguém sabe onde vamos. Nem Mía nem Kate conseguiram extrair-lhe essa informação. Viro-me para a minha mãe e para Kate, que se encontram ali perto.

– Não vou mudar de roupa.

– O quê? – espanta-se a minha mãe.

– O Christian não quer que eu o faça. – Encolho os ombros, como se isso devesse explicar tudo. A sua testa franze-se por um instante.

– Não lhe prometeste obediência – recorda-me ela com tato.

Kate tenta disfarçar o riso trocista com uma tossidela. Nem ela nem a minha mãe fazem ideia da discussão que eu e Christian tivemos por causa disso. Não quero reacender essa questão. *Caramba, se o meu Cinquenta Sombras amua... e tem pesadelos.* A memória é suficiente para me acalmar.

– Eu sei, mãe, mas ele gosta deste vestido e quero agradecer-lhe.

A sua expressão suaviza-se. Kate revira os olhos e tem o cuidado de se afastar para nos deixar a sós.

– Estás tão encantadora, querida. – Carla ajeita-me delicadamente uma madeixa solta do cabelo e acaricia-me o queixo. – Estou tão orgulhosa de ti. Vais fazer do Christian um homem muito feliz.

Puxa-me para me abraçar. *Oh, mãe!*

– Nem acredito em como estás crescida. A começar uma vida nova... Lembra-te só de que os homens são de um planeta diferente do nosso e tudo correrá bem.

Rio-me. Christian é de um universo diferente, ela nem imagina.

– Obrigada, mãe.

Ray junta-se a nós, dirigindo um sorriso doce à minha mãe e a mim.

– Fizeste uma menina linda, Carla – diz ele, com os olhos a brilhar de orgulho.

Está tão elegante no seu *smoking* preto, com aquele colete rosa-pálido. Sinto lágrimas a arderem-me nos olhos. Oh, não... até agora consegui não chorar.

– E tu tomaste conta dela e ajudaste-a a crescer, Ray. – A voz da minha mãe está plena de nostalgia.

– E adorei todos os momentos. És uma noiva e peras, Annie. – Ray põe-me a mesma madeixa solta atrás da orelha.

– Oh, pai... – Abafo um soluço e ele abraça-me, à sua maneira breve e desajeitada.

– Também vais ser uma mulher e peras – sussurra, com a voz rouca. – Quando me liberta, Christian está de novo a meu lado. Ray aperta-lhe a mão num gesto caloroso.

– Toma conta da minha menina, Christian.

– É mesmo essa a minha intenção, Ray. Carla. – Cumprimenta o meu padrasto com um aceno de cabeça e dá um beijo à minha mãe.

O resto dos convidados formaram um longo arco humano para que nós passemos até à parte da frente da casa.

– Pronta? – pergunta-me Christian.

– Sim.

Dando-me a mão, guia-me por baixo dos braços estendidos enquanto os convidados nos gritam votos de boa sorte e felicidades, e nos atiram arroz. À espera ao fundo do arco, com sorrisos e abraços, estão Grace e Carrick. Abraçam-nos e beijam-nos à vez. Grace volta a emocionar-se quando nos despedimos à pressa.

Taylor aguarda por nós para nos levar dali no jipe da *Audi*. Enquanto Christian mantém a porta aberta para que eu entre, viro-me e atiro o

*bouquet* de rosas brancas e cor-de-rosa para o grupo de mulheres jovens que se reuniu. Mia apanha-o no ar com um gesto triunfante e um sorriso de orelha a orelha.

Enquanto deslizo para o interior do todo-o-terreno, rindo-me da forma audaz como Mia apanhou o *bouquet*, Christian baixa-se para recolher a cauda do meu vestido. Assim que me encontro em segurança no interior, ele despede-se da multidão.

Taylor abre a porta do lado dele.

– Parabéns, senhor.

– Obrigado, Taylor – responde Christian enquanto se senta ao meu lado.

À medida que Taylor afasta o veículo, os nossos convidados atiram arroz. Christian dá-me a mão e beija-me os nós dos dedos.

– Até agora tudo bem, Mrs. Grey?

– Até agora tudo maravilhoso, Mr. Grey. Onde vamos?

– Para o Aeroporto de Seattle. – É a resposta simples dele, acompanhada por um sorriso de esfinge.

*Hum...* que estará ele a planear?

Taylor não se dirige para o terminal das partidas como eu esperava, passando antes por um portão de segurança e indo diretamente para a pista de alcatrão. O quê? E depois vejo-o: o jato de Christian... *Grey Enterprises Holdings, Inc.*, em grandes letras azuis na fuselagem.

– Não me digas que vais voltar a abusar da propriedade da empresa!

– Oh, espero que sim, Anastasia – responde ele, a sorrir.

Taylor para o *Audi* junto às escadas do avião e sai para abrir a porta de Christian. Trocam umas palavras breves, após o que Christian abre a porta do meu lado – e, em vez de recuar para me dar espaço para sair, debruça-se e pega-me ao colo.

*Uau!*

– O que estás a fazer? – guincho.

– A levar-te ao colo para o avião – responde.

– Oh. – *Isso não deveria ser para entrar em casa?*

Leva-me sem esforço pelos degraus e Taylor segue-nos com a minha pequena mala de viagem, que deixa à entrada do avião antes de regressar

para o *Audi*. No *cockpit*, reconheço Stephan, o piloto de Christian, fardado.

– Bem-vinda a bordo, Mrs. Grey – cumprimenta-me com um sorriso.

Christian pousa-me e dá um aperto de mão a Stephan. Para além deste, há também uma mulher de cabelo escuro com... o quê? Uns trinta e poucos anos? Também está fardada.

– Parabéns aos dois – continua Stephan.

– Obrigado, Stephan. Anastasia, já conheces o Stephan. Será o nosso comandante hoje, e esta é a copiloto Beighley.

Ela cora quando Christian a apresenta e pestaneja rapidamente. Apetece-me revirar os olhos. Mais uma mulher completamente cativada pelo meu marido demasiado-bonito-para-o-seu-próprio-bem.

– É um prazer conhecê-la – balbucia Beighley.

Sorriso-lhe com brandura. Afinal... ele é meu.

– Está tudo preparado? – pergunta-lhes Christian enquanto observo o avião.

O interior é todo de madeira de ácer e couro num tom creme-pálido. É encantador. Outra jovem fardada encontra-se ao fundo da cabina do avião – uma morena muito *bonita*.

– Já recebemos autorização para descolar. O tempo está bom daqui até Boston.

*Boston?*

– Turbulência?

– Até Boston, não. Há um sistema frontal sobre Shannon que é capaz de nos sacudir um pouco.

*Shannon? Irlanda?*

– Compreendo. Bem, espero dormir enquanto passarmos por isso – diz Christian, num tom factual.

*Dormir?*

– Vamos dar início à viagem, senhor – informa Stephan. – Deixamo-los entregues aos cuidados competentes da Natalia, a vossa assistente de bordo.

Christian olha de relance para ela e franze o sobrolho, mas vira-se para Stephan com um sorriso.

– Excelente – profere. Dando-me a mão, leva-me até um dos suntuosos assentos de cabedal. Devem ser uns doze no total.

– Senta-te – diz-me, despindo o casaco e desabotoando o belo colete de brocado prateado. Ficamos sentados um em frente ao outro, com uma pequena mesa muito polida entre nós.

– Bem-vindos a bordo, meu senhor e minha senhora, e parabéns. – Nataralia está ao nosso lado, a oferecer-nos taças de champanhe cor-de-rosa.

– Obrigado – agradece Christian, ao que ela nos sorri educadamente e se afasta para a copa.

– A um casamento feliz, Anastasia. – Christian ergue o seu copo e brindamos. O champanhe é delicioso.

– *Bollinger?* – pergunto.

– Isso mesmo.

– Da primeira vez que o bebi, foi em chávenas de chá. – Sorrio.

– Lembro-me bem desse dia. Quando terminaste o curso.

– Onde vamos? – Já não consigo conter a curiosidade durante mais tempo.

– Shannon – responde ele, com os olhos a brilhar de entusiasmo. Parece um rapazinho.

– Na Irlanda? – Vamos à Irlanda!

– Para reabastecermos o avião – acrescenta, provocante.

– E depois? – insisto.

O seu sorriso alarga-se e ele abana a cabeça.

– Christian!

– Londres – diz ele, observando-me intensamente para tentar avaliar a minha reação.

Arquejo. *Fogo*. Tinha pensado que talvez fôssemos a Nova Iorque ou a Aspen, talvez até às Caraíbas. Mal consigo acreditar. Sempre tive o desejo de visitar Londres. Estou iluminada por dentro, incandescente de felicidade.

– Depois Paris.

*O quê?*

– E depois o Sul de França.

*Uau!*

– Eu sei que sempre sonhaste ir à Europa – diz-me num tom suave.

– Quero concretizar os teus sonhos, Anastasia.

– Tu és o meu sonho concretizado, Christian.

– É recíproco, Mrs. Grey – sussurra ele.

*Oh, céus...*

– Põe o cinto.

Sorrio e faço o que ele me diz.

Enquanto o avião percorre a pista, bebericamos o champanhe, sorrindo como tolos um para o outro. Mal posso acreditar. Aos vinte e dois anos, estou finalmente a sair dos Estados Unidos e a ir à Europa – a Londres, ainda por cima!

Depois de descolarmos, a assistente de bordo serve-nos mais champanhe e prepara-nos o banquete nupcial. E que banquete é – salmão fumado, seguido de perdiz assada com salada de feijão-verde e batatas *dauphinoise*, tudo cozinhado e servido pela muitíssimo eficiente Natalia.

– Sobremesa, Mr. Grey? – pergunta.

Ele abana a cabeça e passa o dedo pelo lábio inferior enquanto me fita com um ar interrogativo e uma expressão sombria e indecifrável.

– Não, obrigada – murmuro, incapaz de desviar o olhar do dele. Os seus lábios curvam-se num sorriso ligeiro e secreto, ao que Natalia se afasta.

– Bom – murmura ele. – Tinha planeado ter-te a ti como sobremesa.

*Oh... aqui?*

– Anda – diz ele, enquanto se levanta e me oferece a mão. Encaminha-me para o fundo da cabina. – Há uma casa de banho ali.

Aponta para uma pequena porta e depois leva-me por um corredor curto e faz-me passar por uma porta ao fundo.

*Caramba... um quarto.* A cabina é creme e de madeira de ácer e a pequena cama de casal está coberta de almofadas douradas e castanho-acinzentadas. Parece muito confortável.

Christian vira-se e puxa-me para os seus braços, olhando para mim.

– Achei que podíamos passar a nossa noite de núpcias a trinta e cinco mil pés de altitude. É uma coisa que nunca fiz.

Outra estreia. Fito-o boquiaberta, com o coração a bater muito depressa... o clube das milhas aéreas. Já ouvi falar disto.

– Mas primeiro tenho de te tirar esse vestido fabuloso. – Os seus

olhos brilham com amor e algo mais sombrio, algo que eu adoro... algo que apela à minha deusa interior. Ele deixa-me sem fôlego.

– Vira-te. – Fala com uma voz grave, autoritária e *sexy* como tudo.

Como consegue ele infundir tanta promessa numa única palavra? Obedeço de bom grado e as mãos dele avançam para o meu cabelo. Delicadamente, tira-me cada gancho, com os seus dedos ágeis a tornarem a tarefa simples. O cabelo cai-me em feixes sobre os ombros, uma madeixa de cada vez, tapando-me as costas e chegando-me ao peito. Tento manter-me quieta e não me contorcer, mas anseio pelo toque dele. Depois do nosso dia longo, cansativo mas excitante, quero-o – todo.

– Tens um cabelo tão bonito, Ana.

Tem a boca perto da minha orelha e eu sinto-lhe a respiração, embora os seus lábios não me toquem. Quando já não tenho ganchos, passa-me os dedos pelo cabelo e massaja-me o couro cabeludo ao de leve... *oh, céus...* Fecho os olhos e saboreio a sensação. Os seus dedos viajam para baixo e ele puxa-me e inclina-me a cabeça para me expor a garganta.

– És minha – sussurra e mordisca-me o lóbulo da orelha.

Gemo.

– Silêncio – admoesta-me.

Passa-me o cabelo por cima do ombro e percorre-me as costas com um dedo, de um ombro ao outro, seguindo o contorno de renda do meu vestido. Tremo de expectativa. Pousa-me um beijo suave nas costas, por cima do primeiro botão do vestido.

– Tão linda – diz ele enquanto o desabotoa. – Hoje fizeste de mim o homem mais feliz do mundo. – Com uma lentidão infinita, desaperta o resto do vestido, continuando a descer-me pelas costas. – Amo-te tanto. – Beijos que me percorrem desde nuca à beira do ombro. Entre cada beijo, murmura: – Eu. Quero-te. Tanto. Eu. Quero. Estar. Dentro. De. Ti. Tu. És. Minha.

Cada palavra é inebriante. Fecho os olhos e inclino a cabeça, facilitando-lhe o acesso ao meu pescoço, e rendo-me ainda mais ao feitiço que é Christian Grey, o meu marido.

– Minha – sussurra ele mais uma vez.

Faz o vestido passar-me pelos braços até que ele se espalha a meus pés numa nuvem de seda e renda cor de marfim.

– Vira-te – murmura, com a voz subitamente rouca. Assim faço, e ele arqueja.

Estou vestida com um corpete justo rosa-pálido com ligas, cuecas de renda a condizer e meias de seda brancas. Os olhos de Christian viajam avidamente pelo meu corpo, mas ele não diz nada. Limita-se a fitar-me, com os olhos arregalados de desejo.

– Gostas? – sussurro, ciente do tom rosado que se insinua nas minhas faces.

– Mais do que gostar, querida. Estás sensacional. Apoia-te. – Estende-me a mão e, agarrando-a, saio do meu vestido. – Fica quieta – ordena baixinho e, sem desviar os olhos cada vez mais escuros dos meus, passa o dedo do meio pelo meu peito, seguindo o contorno do corpete.

A minha respiração acelera e ele repete a viagem pelos meus seios, com o seu dedo provocador a causar-me arrepios na espinha. Para e gira o dedo indicador no ar, para me dizer que quer que eu me vire.

Por ele, neste momento, eu faria qualquer coisa.

– Para – ordena-me.

Estou de frente para a cama, de costas para ele. O seu braço envolve-me a cintura, puxando-me contra si, e ele encosta o nariz ao meu pescoço. Com delicadeza, segura-me nos seios, brincando com eles, enquanto os seus polegares descrevem círculos nos meus mamilos, que enrijecem contra o tecido do corpete.

– Minha – sussurra.

– Tua – respondo.

Soltando-me o peito, passa-me as mãos pelo estômago, pela barriga, até às coxas, com os polegares a roçarem-me no sexo. Abafo um gemido. Os seus dedos passam por uma liga e depois por outra e, com a destreza habitual, solta cada uma das meias. As mãos aproximam-se do meu rabo.

– Minha – murmura enquanto as suas mãos se abrem no meu traseiro, com as pontas dos dedos a roçar-me no sexo.

– Ah.

– Silêncio.

Viaja com as mãos até à parte de trás das minhas coxas e desprende o resto das ligas. Debruçando-se, puxa as cobertas da cama.

– Senta-te.

Serva das suas palavras, faço o que me manda e ele ajoelha-se à minha frente e descalça-me delicadamente os *Jimmy Choo* de noiva. Segura na parte de cima da minha meia esquerda e puxa-a devagar, passando-me os polegares pela perna... Repete o processo com a outra meia.

– É como desembulhar presentes de Natal. – Sorri ao olhar para cima, fitando-me por entre as suas longas pestanas escuras.

– Um presente que já tiveste...

Ele franze o sobrolho, reprovador.

– Oh, não, querida. Desta vez é mesmo meu.

– Christian, sou tua desde que disse “sim”. – Chego-me para a frente e seguro-lhe o rosto entre as mãos. – Sou tua. Serei sempre tua, meu marido. Agora, acho que estás com demasiada roupa.

Debruço-me para o beijar e, de repente, ele estica-se, beija-me os lábios e agarra-me a cabeça, com os dedos a entrelaçarem-se no meu cabelo.

– Ana – ofega. – Minha Ana.

Os seus lábios voltam a reclamar os meus, a sua língua é de uma invasão persuasiva.

– Roupas – sussurro, com os nossos hálitos a mesclarem-se enquanto lhe puxo o colete e ele se esforça por o despir, libertando-me por um instante.

Interrompe-se, a fitar-me, com os olhos bem abertos, cheios de desejo.

– Por, favor, deixa-me ajudar-te. – A minha voz é suave e sedutora. Quero despir o meu marido, o meu Cinquenta.

Ele volta a acocorar-se e, debruçando-me, agarro-lhe a gravata, a gravata cinza-prateada, a minha preferida – e, lentamente, desfaço o nó e tiro-lha. Ele levanta o queixo para me deixar atacar o botão de cima da camisa branca; depois, passo para os punhos. Está a usar botões de punho de platina – com as iniciais A e C entrelaçadas –, o presente de casamento que lhe dei. Depois de lhos tirar, ele agarra nos botões de punho e fecha-os na mão. Em seguida, beija a mão e guarda-os no bolso das calças.

– Mr. Grey, que romântico.

– Para si, Mrs. Grey... corações e flores. Sempre.

Dou-lhe a mão e, espreitando por entre as minhas pestanas, beijo-lhe a aliança simples de platina. Ele geme e fecha os olhos.

– Ana – sussurra, e o meu nome é uma prece.

Levando a mão ao segundo botão da camisa dele e imitando o que fez, vou-lhe beijando suavemente o peito enquanto o desabotoo e sus-surro entre cada beijo:

– Tu. Fazes-me. Tão. Feliz. Eu. Amo-te.

Ele geme e, num movimento ligeiro, agarra-me pela cintura e levanta-me sobre a cama, deitando-se nela comigo. Os seus lábios encontram os meus, as suas mãos percorrem-me a cabeça, imobilizam-me enquanto as nossas línguas se regozijam uma na outra. Abruptamente, Christian ajoelha-se e deixa-me sem fôlego e a ansiar por mais.

– És tão linda... mulher. – Passa as mãos pelas minhas pernas até agarrar no meu pé esquerdo. – Tens umas pernas tão bonitas. Quero beijar cada centímetro delas. A começar por aqui.

Encosta-me os lábios ao dedo grande do pé e roça os dentes pela base. Tudo o que fica a sul da minha cintura se agita. Percorre-me a planta do pé com a língua e os seus dentes rasam-me o calcanhar e sobem até ao tornozelo. Beija-me a barriga da perna, continuando a subir; beijos suaves e molhados. Esperneio.

– Quieta, Mrs. Grey – avisa-me e, de súbito, vira-me de barriga para baixo e continua a viagem ociosa com a boca pela parte de trás das minhas pernas, chegando às coxas, ao traseiro e depois interrompe-se. Gemo.

– Por favor...

– Quero-te nua – murmura ele e, devagar, desaperta-me o corpete, um colchete de cada vez.

Quando a peça de roupa fica ao meu lado na cama, ele percorre-me a coluna com a língua.

– Christian, por favor.

– O que quer, Mrs. Grey?

As suas palavras são suaves e ditas junto à minha orelha. Está quase deitado por cima de mim... sinto-o duro contra o meu traseiro.

– A ti.

– E eu a ti, meu amor, minha vida – sussurra e, antes que eu perceba o que está a acontecer, virou-me de barriga para cima.

Levanta-se com agilidade e, num único gesto eficiente, livra-se das calças e dos *boxers*, ficando gloriosamente nu, grande e pronto por

cima de mim. A pequena cabina é eclipsada pela sua beleza impressionante e pelo quanto ele me quer e deseja. Debruça-se e tira-me as cuecas, após o que me fita.

– Minha – boqueja.

– Por favor – imploro e ele sorri... um sorriso devasso, libertino, tentador, com todas as cinquenta sombras.

Ele regressa para a cama e percorre-me desta vez a perna direita com beijos... até chegar ao cimo das minhas coxas. Afasta-me mais as pernas.

– Ah... minha mulher – murmura ele e, em seguida, a sua boca está em mim.

Fecho os olhos e rendo-me à sua língua oh-tão-ágil. As minhas mãos cerram-se no cabelo dele à medida que as ancas oscilam para a frente e para trás, escravas do ritmo dele, e depois se erguem na cama. Ele agarra-me as ancas a fim de me imobilizar... mas não para a tortura deliciosa. Estou quase, quase...

– Christian – gemo.

– Ainda não – sussurra ele e sobe pelo meu corpo, mergulhando-me a língua no umbigo.

– Não!

*Raios!* Sinto o seu sorriso contra a minha barriga enquanto ele prossegue a viagem para norte.

– Que impaciente, Mrs. Grey. Temos tempo até aterrarmos na ilha Esmeralda.

Reverencialmente, beija-me os seios e puxa-me o mamilo esquerdo entre os lábios. Quando olha para mim, tem os olhos escuros como uma tempestade tropical que me provoca.

*Oh, céus...* tinha-me esquecido. *Europa.*

– Marido, quero-te. Por favor.

Ele coloca-se por cima de mim, com o corpo a tapar o meu, suportando o seu peso nos cotovelos. Encosta o nariz ao meu e eu percorro-lhe as costas lisas com as mãos até chegar ao seu belo, belo traseiro.

– Mrs. Grey... mulher. O nosso objetivo é agradar. – Os seus lábios roçam nos meus. – Amo-te.

– Também te amo.

– De olhos abertos. Quero ver-te.

– Christian... ah... – grito quando ele entra lentamente em mim.  
– Ana, oh, Ana – ofega ele e começa a mexer-se.

– Que porra é que julgas que estás a fazer? – grita Christian, acordando-me do sonho tão agradável. Está diante de mim, molhado e lindo, à frente da minha espreguiçadeira, com um olhar furioso.

O que é que eu fiz? *Oh, não... Estou deitada de barriga para cima...* Merda, merda, merda, e ele está fulo. Merda. Está mesmo fulo.

## CAPÍTULO DOIS

De repente, estou muito desperta, tendo esquecido o sonho erótico.

– Estava de barriga para baixo. Devo ter-me virado enquanto dormia – sussurro debilmente em minha defesa.

Os seus olhos chispam de fúria. Ele baixa-se, apanha a parte de cima do meu biquíni que está em cima da espreguiçadeira dele e atira-ma.

– Põe isso – silva.

– Christian, ninguém está a ver.

– Confia em mim. Estão a ver. Tenho a certeza de que o Taylor e os seguranças estão a gostar do espetáculo! – rosna.

*Grande merda!* Porque estou sempre a esquecer-me deles? Tapo os seios, em pânico, procurando escondê-los. Desde a sabotagem do *Charlie Tango* que somos constantemente seguidos por seguranças.

– Sim – continua ele. – E algum *paparazzo* nojento podia tirar-te uma foto. Queres aparecer na capa da revista *Star*? E, desta vez, nua?

*Merda! Os paparazzi! Foda-se!* Enquanto enfio atabalhoadamente a parte de cima do biquíni, parecendo que perdi toda a destreza, fico sem pinga de sangue na cara. Estremeço. A memória desagradável de ser perseguida pelos *paparazzi* no exterior da Seattle Independent Publishing depois de o nosso noivado ter sido revelado regressa... tudo isso faz parte do conjunto Christian Grey.

– *L'addition!* – exige ele a uma empregada de passagem. – Vamos embora – diz-me.

– Agora?

– Sim. Já.

Oh, merda, não vai dar para discutir.

Christian veste os calções de ganga, apesar de os de banho estarem ensopados, e a *t-shirt* cinzenta. A empregada volta pouco depois com o cartão de crédito dele e a conta.

Com relutância, enfio o vestido turquesa e calço os chinelos. Depois de a empregada se afastar, Christian agarra no livro e no BlackBerry, e esconde a fúria atrás de uns óculos de sol espelhados, à aviação. Todo ele vibra de tensão e raiva. O meu coração afunda-se. Todas as outras mulheres da praia estão a fazer *topless* – não é um crime assim tão grande. Na verdade, eu pareço estranha *com* a parte de cima vestida. Suspiro interiormente, desanimada. Tinha julgado que ele acharia engraçado... mais ou menos... talvez se eu tivesse ficado de barriga para baixo, mas o seu sentido de humor evaporou-se.

– Por favor, não fiques zangado comigo – sussurro, pegando no livro e no BlackBerry dele, que guardo na minha mochila.

– É demasiado tarde para isso – responde num tom calmo... demasiado calmo. – Anda.

Depois de me dar a mão, faz sinal a Taylor e aos dois colegas dele, os seguranças franceses Philippe e Gaston. Estranhamente, são gémeos idênticos. Têm estado pacientemente a observar-nos e a toda a gente na praia da varanda. Porque passo a vida a esquecer-me deles? Como é possível? Taylor mostra-se com uma expressão empedernida por detrás dos óculos de sol. Merda, também está fulo comigo. Ainda não estou habituada a vê-lo vestido com tanto à vontade, de calções e um polo preto.

Christian leva-me para o hotel, atravessa o átrio comigo e depois chegamos à rua. Mantém-se silencioso, amuado e mal-humorado, e a culpa é toda minha. Taylor e a sua equipa seguem-nos.

– Onde vamos? – pergunto num tom hesitante, olhando para ele.

– De volta para o barco.

Ele não olha para mim.

Não faço ideia de que horas sejam. Talvez cinco ou seis da tarde, parece-me. Quando chegamos à marina, Christian encaminha-me para a doca, onde a lancha e o *jet ski* do *Fair Lady* estão parados. Enquanto Christian desamarra o *jet ski*, passo a minha mochila a Taylor. Nervosa, olho de relance para ele mas, à semelhança da de Christian, a sua expressão nada revela. Coro, pensando no que ele viu na praia.

– Aqui tem, Mrs. Grey.

Taylor passa-me um colete salva-vidas que tirou da lancha e eu apresso-me a vesti-lo. Porque serei a única a ter de usar um salva-vidas?

Christian e Taylor entreolham-se. Caramba, também estará zangado com Taylor? Depois Christian verifica as tiras do meu colete, apertando bem a do meio.

– Assim está bem – resmoneia em tom taciturno, continuando a não olhar para mim. *Merda.*

Monta graciosamente o *jet ski* e estende a mão para que eu o acompanhe. Segurando-a com força, consigo passar a perna por cima do assento sem cair na água, enquanto Taylor e os gémeos entram para a lancha. Christian afasta o *jet ski* da doca e este flutua suavemente para a marina.

– Agarra-te – ordena-me e eu passo os braços à volta dele.

Isto é aquilo de que mais gosto ao viajar de *jet ski*. Abraço-o, muito próxima dele, com o nariz encostado às suas costas, maravilhando-me por ter havido uma altura em que ele não teria tolerado que eu lhe tocasse assim. Cheira bem... a Christian e a mar. *Perdoa-me, Christian... por favor?*

Ele retesa-se.

– Firme – diz ele, num tom mais meigo.

Beijo-lhe as costas e apoio a face ao seu corpo, olhando para a doca onde alguns veraneantes se reuniram para assistir ao espetáculo.

Christian dá à chave e o motor ganha vida. Com uma torção do acelerador, o *jet ski* lança-se para diante e avança pela água escura e fresca, percorrendo a marina em direção ao porto onde se encontra o *Fair Lady*. Aperto-o mais. Adoro isto – é tão emocionante. Todos os músculos do corpo esguio de Christian se evidenciam enquanto me agarro a ele.

Taylor segue ao nosso lado na lancha. Christian olha para ele de relance e torna a acelerar, ao que nos lançamos para a frente, chicoteando as águas como um seixo atirado com mestria. Taylor abana a cabeça, numa exasperação resignada, e encaminha-se diretamente para o iate, enquanto Christian passa o *Fair Lady* e avança para mar alto.

A espuma do mar salpica-nos, o vento quente atinge-me a cara e agita-me o rabo-de-cavalo. Isto é tão *divertido*. Talvez a emoção da volta disperse o mau humor de Christian. Não lhe vejo o rosto, mas percebo que está a divertir-se – despreocupado, agindo de acordo com a idade que tem, para variar.

Descreve um enorme semicírculo e eu observo a costa – os barcos na marina, o mosaico de apartamentos e escritórios amarelos, brancos e cor de areia, e as montanhas lá atrás. Tudo parece tão desorganizado – ao contrário dos quarteirões regimentados a que estou habituada – mas também tão pitoresco. Christian olha por cima do ombro para me ver e há um espectro de um sorriso a bailar-lhe nos lábios.

– Outra vez? – grita para se fazer ouvir acima do barulho do motor.

Aceno entusiasticamente com a cabeça. O sorriso com que me responde é estonteante, antes de tornar a dar-lhe gás e acelerar à volta do *Fair Lady*, lançando-se de novo para o mar... e eu acho que estou perdoada.

– Bronzeaste-te – comenta Christian num tom ameno enquanto me desaperta o colete salva-vidas.

Ansiosa, tento perceber com que estado de espírito se encontra. Estamos no convés do iate e um dos criados de bordo aguarda discretamente ali perto, à espera do meu salva-vidas. Christian entrega-lho.

– Será tudo, senhor? – pergunta o jovem.

Adoro o sotaque francês dele. Christian olha para mim, tira os óculos de sol e pendura-os no colarinho da *t-shirt*.

– Queres uma bebida? – pergunta-me.

– Preciso?

Ele inclina a cabeça para o lado.

– Porque dizes isso? – inquire numa voz suave.

– Sabes porquê.

Ele franze o sobrolho, como se sopesasse alguma coisa.

*Oh, em que está ele a pensar?*

– Dois gins tónicos, por favor. E uns frutos secos e azeitonas – diz ao criado, que assente com a cabeça e desaparece num ápice.

– Achas que vou castigar-te? – A voz de Christian é sedosa.

– Queres fazê-lo?

– Sim.

– Como?

– Há de me ocorrer qualquer coisa. Talvez depois de teres tomado a tua bebida.

É uma ameaça sensual. Engulo em seco e a minha deusa interior

semicerra os olhos na sua espreguiçadeira, onde tenta apanhar raios de sol com um refletor prateado disposto no pescoço.

Christian volta a franzir o sobrolho.

– Queres ser castigada?

*Como é que ele sabe?*

– Depende – murmuro, a corar.

– De quê? – Ele disfarça o sorriso.

– Se queres magoar-me ou não.

A sua boca contrai-se numa linha retesada, já sem humor. Inclina-se para a frente e beija-me a testa.

– Anastasia, és minha mulher, não minha submissa. Não quero magoar-te nunca. Já devias saber isso. Mas... não tires a roupa em público. Não quero ver-te nua nos tabloides. Tu também não queres, e tenho a certeza de que a tua mãe e o Ray também não.

*Oh! Ray.* Grande merda, ainda tinha um ataque cardíaco. O que me passou pela cabeça? Reprendo-me mentalmente.

O criado de bordo aparece com as nossas bebidas e aperitivos e coloca-os na mesa de teca.

– Senta-te – ordena-me Christian. Obedeço e ocupo uma das cadeiras de lona. Ele senta-se ao meu lado e passa-me um gin tónico. – À nossa, Mrs. Grey.

– À nossa, Mr. Grey. – Dou um gole de bom grado. Mata-me a sede, está gelado e delicioso. Quando olho para ele, vejo que me observa cuidadosamente, com uma disposição indecifrável. É muito frustrante... Não sei se continua zangado comigo. Sirvo-me da minha técnica patenteada de distração. – A quem pertence este barco?

– A um cavaleiro britânico. *Sir* Fulano-ou-Sicrano. O tetravô dele fundou uma mercearia. A filha casou com um príncipe europeu.

Oh.

– Super-ricos?

De repente, Christian parece cauteloso.

– Sim.

– Como tu – murmuro.

– Sim.

Oh.

– E como tu – sussurra ele antes de levar uma azeitona à boca. Pestanejo rapidamente... uma visão dele de *smoking* e colete prateado vem-me à memória... os seus olhos a arder com sinceridade e a observarem-me durante a cerimónia do nosso casamento. – *Tudo o que é meu agora é teu* – continua ele, numa voz clara, recitando de cor os seus votos nupciais.

*Tudo meu?*

– É esquisito. Passar de não ter nada a... – Aceno com a mão para indicar a opulência que nos rodeia – ...a ter tudo.

– Vais-te habituar.

– Acho que nunca me vou habituar.

Taylor aparece no convés.

– Senhor, tem uma chamada.

Christian franze o cenho, mas aceita o BlackBerry que Taylor lhe passa.

– Grey – atende, já a levantar-se do assento e indo até à proa do iate.

Eu fito o mar, desligando da conversa que ele está a ter com Ros – acho eu – o seu braço direito. Sou rica... podre de rica. Não fiz nada para ganhar este dinheiro... limitei-me a casar com um homem rico. Estremeço quando a minha mente divaga para a conversa que tivemos sobre o acordo pré-nupcial. Foi no domingo depois do aniversário dele e estávamos todos sentados à mesa da cozinha, a desfrutar de um pequeno-almoço ocioso... todos nós. Elliot, Kate, Grace e eu estávamos a debater os méritos do *bacon*, por oposição às salsichas, enquanto Carrick e Christian liam o jornal de domingo...

– Vejam só – guincha Mia e pousa o *netbook* na mesa da cozinha à nossa frente. – Há um artigo nas páginas sociais do *site* Seattle Nooz Web acerca do teu noivado, Christian.

– Já? – espanta-se Grace. Depois a sua boca contrai-se, com algum pensamento obviamente desagradável.

Christian franze o sobrolho. Mia lê a crónica em voz alta:

– Aqui no *Nooz* ficámos a saber que o solteiro mais desejado de Seattle, o Christian Grey, foi finalmente arrematado e que há sinos de igreja prestes a badalar. Mas quem será a jovem sortuda? O *Nooz*

está a investigar. De certeza que ela está a ler uma data de condições pré-nupciais.

Mia solta um risinho, mas cala-se abruptamente quando Christian lhe lança um olhar furioso. Instala-se o silêncio e a atmosfera na cozinha dos Grey enregela.

*Oh, não? Um acordo pré-nupcial? Nunca tinha pensado em tal coisa. Engulo em seco, sentindo todo o sangue a fugir-me do rosto. Por favor, chã, engole-me agora!*

Christian mexe-se com desconforto na cadeira quando o olho com apreensão.

– Não – boqueja-me.

– Christian – começa Carrick num tom delicado.

– Não vou voltar a discutir este assunto – riposta a Carrick, que me lança um olhar nervoso e abre a boca para dizer qualquer coisa. – Não há acordo pré-nupcial! – declara Christian, quase a gritar, após o que regressa à leitura do jornal, ignorando todos os outros à mesa.

Eles vão olhando ora para mim ora para ele... e depois para qualquer lado onde nós não estejamos.

– Christian – murmuro. – Eu assinarei qualquer coisa que tu e o Mr. Grey queiram.

Caramba, não seria a primeira vez que me obrigaria a assinar qualquer coisa. Christian levanta a cabeça e fita-me com um olhar furioso.

– Não – responde.

Volto a ficar exangue.

– É para te proteger.

– Christian, Ana... Parece-me que deveriam discutir isto em privado – admoesta-nos Grace.

Olha para Carrick e Mia. Oh, céus, parece que eles também estão em apuros.

– Ana, a questão não és tu – murmura Carrick, para me tranquilizar. – E, por favor, trata-me por Carrick.

Christian semicerra os olhos frios e observa o pai, ao que sinto um aperto no coração. *Raios... Está mesmo zangado.*

Todos desatam a conversar numa grande animação, e Mia e Kate levantam-se num pulo para tirarem as coisas da mesa.

– Eu não tenho dúvidas, prefiro salsichas – exclama Elliot.

Quanto a mim, fito os meus dedos entrelaçados. Merda. Espero que Mr. e Mrs. Grey não julguem que sou alguma oportunista. Christian debruça-se sobre a mesa e segura-me as mãos nas suas.

– Para com isso.

Como é que ele sabe o que eu estou a pensar?

– Não lrigues ao meu pai – diz-me baixinho, para só eu ouvir. – Está mesmo lixado por causa da Elena. Aquilo tudo era para mim. Quem me dera que a minha mãe tivesse ficado calada.

Sei que Christian ainda está magoado com a “conversa” que teve com Carrick na noite passada.

– Ele tem razão, Christian. És muito abastado e eu não trago nada para este casamento, a não ser as dívidas do meu empréstimo universitário.

Christian fita-me com um olhar sombrio.

– Anastasia, se me deixares, bem podes levar tudo. Já me deixaste uma vez. Sei o que me faz sentir.

*Merda!*

– Isso foi diferente – sussurro, impressionada com a sua intensidade. – Mas... tu podes querer deixar-me.

Fico maldisposta só com a ideia. Ele resfolega e abana a cabeça, afetando um desgosto profundo.

– Christian, sabes que eu sou capaz de fazer qualquer coisa excepcionalmente estúpida... e tu... – Olho para as minhas mãos entrelaçadas, com a dor a perfurar-me, e sou incapaz de terminar a frase. Perder Christian... *merda*.

– Para. Para já. Este assunto está encerrado, Ana. Não vamos voltar a discuti-lo. Não há acordo pré-nupcial. Nem agora, nem nunca. – Mira-me com um olhar de “agora desiste”, que me silencia. Depois vira-se para Grace. – Mãe, podemos fazer o casamento aqui?

E não tornou a mencioná-lo. Na verdade, tem aproveitado todas as oportunidades para me tranquilizar quanto à sua fortuna... que também é minha. Estremeço ao recordar o frenesim louco de compras a que Christian me exigiu que me dedicasse com Caroline Acton – a *personal shopper* de Nieman Marcus – para preparar esta lua de

mel. Só o meu biquíni custou quinhentos e quarenta dólares. Quer dizer, é bonito, mas a sério... é uma quantidade ridícula de dinheiro por quatro pedaços triangulares de tecido.

– Vais-te habituar – interrompe-me Christian o devaneio ao recupar o seu lugar à mesa.

– Habituar-me?

– Ao dinheiro – esclarece ele, revirando os olhos.

*Oh, Cinquenta, talvez com tempo.* Empurro o pequeno prato de amêndoas e cajus salgados na direção dele.

– Os seus frutos<sup>1</sup>, senhor – digo, com uma expressão tão séria quanto consigo, tentando trazer algum humor à conversa, depois dos meus pensamentos sombrios e da gafe com a parte de cima do biquíni.

Ele esboça um sorriso irónico.

– Sou louco por ti. – Serve-se de uma amêndoa, com os olhos a brilhar com humor matreiro, apreciando a minha piada. Lambe os lábios.

– Acaba a bebida. Vamos para a cama.

*O quê?*

– Bebe – repete sem som, com o olhar a ficar mais sombrio.

Oh, céus, o olhar que me lança poderia ser o único responsável pelo aquecimento global. Agarro no meu gin e esvazio o copo, sem desviar o olhar dele. A sua boca entreabre-se e vislumbro-lhe a ponta da língua entre os dentes. Sorri-me com lascívia. Num único movimento fluido, está de pé e debruçado sobre mim, apoiando as mãos nos braços da minha cadeira.

– Vou dar-te uma lição. Anda. Não faças chichi – sussurra-me ao ouvido.

Arquejo. *Não faças chichi? Mas que grosseiro.* O meu subconsciente desvia os olhos do livro – *As Obras Completas de Charles Dickens* – com alarme.

– Não é o que estás a pensar. – Christian esboça um sorriso sardónico e estende-me a mão. – Confia em mim.

Tem um ar tão *sexy* e genial. Como posso resistir?

1. *Nuts* tanto quer dizer nozes e frutos secos como "louco" e a expressão "your nuts" (os seus frutos) facilmente se confunde com "you're nuts" (és louco). (N. da. T.)

– Ok?

Dou-lhe a mão porque, muito simplesmente, lhe confio a minha própria vida. Que terá ele em mente? O meu coração começa a latejar de expectativa.

Conduz-me pelo convés e atravessamos as portas para o salão principal, luxuoso e belíssimo, de onde seguimos por um corredor estreito e passamos pela sala de jantar, após o que descemos as escadas para o nosso camarote.

O camarote foi limpo desde que saímos hoje de manhã e a cama está feita. É um quarto encantador. Com duas vigias a estibordo e a bombordo, está decorado com elegante mobília escura de castanheiro, paredes beges e estofos suaves dourados e vermelhos.

Christian solta-me a mão, despe a *t-shirt* puxando-a pela cabeça e atira-a para uma cadeira. Descalça os chinelos e despe os calções e os calções de banho num só movimento gracioso. *Oh, céus. Alguma vez me fartarei de o ver nu?* É absolutamente lindo e todo meu. A sua pele brilha – também se bronzeou e o seu cabelo cresceu e cai-lhe sobre a testa. Sou uma rapariga muito, muito afortunada.

Ele segura-me o queixo e puxa-o um pouco para eu parar de morder o lábio, após o que passa o polegar pelo meu lábio inferior.

– Assim está melhor.

Vira-se e avança até ao armário impressionante onde guarda as suas roupas. De lá retira dois pares de algemas metálicas e uma máscara para os olhos de uma companhia aérea, que tinha na gaveta de baixo.

*Algemas!* Nunca usámos algemas. Lanço um olhar rápido e nervoso à cama. Onde raio é que ele vai prendê-las? Ele volta-se e fita-me, com os olhos escuros e luminosos.

– Podem ser bastante dolorosas. Podem ferir-te a pele se puxares com demasiada força. – Mostra-me um par. – Mas queria mesmo usá-las em ti agora.

*Que grande porra.* Fico com a boca seca.

– Toma. – Dá uns quantos passos graciosos em frente e passa-me um conjunto. – Queres experimentá-las primeiro?

Têm um toque sólido e o metal é frio. Ocorre-me vagamente que espero nunca ter de usar um par destes numa situação real.

Christian está a observar-me com intensidade.

– Onde estão as chaves? – A voz treme-me.

Ele abre a mão e revela uma pequena chave metálica.

– Esta é a dos dois conjuntos. De todos, na verdade.

*Mas quantos pares de algemas tem ele?* Não me lembro de os ter visto na cómoda de museu.

Ele acaricia-me a cara com o dedo indicador, que leva até à minha boca. Inclina-se como se fosse beijar-me.

– Queres brincar? – pergunta-me, com uma voz grave, e tudo no meu corpo se encaminha para sul enquanto o desejo me desabrocha no ventre.

– Sim – ofego.

Ele sorri.

– Bom. – Dá-me um beijo na testa, suave como uma pena. – Vamos precisar de uma palavra de segurança.

*O quê?*

– “Para” não será suficiente porque é provável que vás dizer isso sem ser o que queres realmente que aconteça.

Percorre-me o nariz com o seu... é o único contacto entre nós.

O meu coração recomeça a palpitar. *Merda...* Como é que ele consegue fazer isto servindo-se apenas de palavras?

– Isto não vai magoar-te. Será intenso. Muito intenso, porque não vou permitir que te mexas. Ok?

*Oh, céus.* Isto parece ser tão excitante. A minha respiração é audível. *Bolas, já estou a ofegar.* Graças a Deus estou casada com este homem, caso contrário seria embaraçoso. O meu olhar divaga até à ereção dele.

– Ok – respondo num tom quase inaudível.

– Escolhe uma palavra, Ana.

*Oh...*

– Uma palavra de segurança – diz-me com delicadeza.

– Gelado – arquejo.

– Gelado? – repete ele, divertido.

– Sim.

Ele sorri ao chegar-se para trás para me observar.

– Que escolha interessante. Levanta os braços.

Assim faço e Christian pega na bainha do meu vestido, passa-mo por cima da cabeça e atira-o para o chão. Estende-me a mão e eu devolvo-lhe as algemas. Pousa os dois conjuntos na mesa de cabeceira, ao lado da venda, e puxa a manta da cama, deixando-a cair no chão.

– Vira-te.

Volto-me e ele desata-me a parte de cima do biquíni, que também cai no chão.

– Amanhã vou agrafar-te isto ao corpo – resmoneia e puxa-me o elástico do cabelo, soltando-o. Segura-me o cabelo com uma mão e puxa-o ao de leve para eu recuar. Contra o peito dele. Contra a ereção dele. Arquejo quando me inclina a cabeça e me beija o pescoço.

– Foste muito desobediente – murmura-me junto ao ouvido, provocando-me arrepios deliciosos.

– Sim – sussurro.

– Hum. O que vamos fazer quanto a isso?

– Aprender a viver com isso – cício.

Os beijos suaves e lânguidos dele estão a deixar-me louca. Sorri com a boca encostada ao meu pescoço.

– Ah, Mrs. Grey. É sempre tão otimista.

Ele endireita-se. Agarrando-me no cabelo, divide-o cuidadosamente em três, entrança-o devagar e depois prende a trança com o meu elástico. Puxa-ma ao de leve e volta a aproximar-se da minha orelha.

– Vou ensinar-te uma lição – murmura.

Com um gesto súbito, agarra-me pela cintura, senta-se na cama e deita-me por cima do seu joelho, pelo que lhe sinto a ereção a fazer-me pressão contra a barriga. Dá-me uma palmada no traseiro, com força. Grito e logo de seguida estou deitada de costas na cama e ele está a fitar-me com aqueles olhos cinzentos derretidos. Vou entrar em combustão.

– Sabes que és linda?

Percorre-me a coxa com a ponta dos dedos e eu fico com formiguesiro... por todo o lado. Sem desviar o olhar de mim, levanta-se da cama e pega nos dois conjuntos de algemas. Segura-me na perna esquerda e fecha um grilhão à volta do meu tornozelo.

*Oh!*

Erguendo-me a perna direita, repete o processo; fico com um par

de algemas preso a cada tornozelo. Ainda não faço ideia de onde vai ele prendê-las.

– Senta-te – ordena-me, ao que obedeço de imediato.

– Agora abraça os joelhos.

Pestanejo, mas depois dobro as pernas à minha frente e envolvo-as com os braços. Ele baixa-se, levanta-me o queixo e dá-me um beijo apaixonado antes de me tapar os olhos com a venda. Não vejo nada; só ouço a minha respiração acelerada e o som da água que embate no iate e o faz baloiçar suavemente no mar.

*Oh, céus.* Estou tão excitada... já.

– Qual é a palavra de segurança, Anastasia?

– Gelado.

– Bom.

Ele agarra-me na mão esquerda e fecha o grilhão das algemas e depois repete o processo com a minha mão direita. Tenho a mão esquerda presa à perna direita e a mão direita à perna esquerda. Não posso endireitar as pernas. *Grande porra.*

– Agora – sussurra Christian –, vou foder-te até gritares.

*O quê?* E fico sem fôlego.

Ele segura-me pelos calcanhares e inclina-me até eu cair de costas na cama. Não tenho escolha para além de manter as pernas dobradas. As algemas apertam-se quando faço força. Ele tem razão... espetam-se-me na pele e quase me magoam... Isto é esquisito – estar presa e indefesa... num barco. Christian afasta-me os tornozelos e eu gemo.

Beija-me o interior das coxas e eu quero contorcer-me debaixo dele, mas não posso. Não tenho como mexer as ancas. Tenho os pés suspensos. Não consigo mexer-me.

– Vais ter de absorver todo o prazer, Anastasia. Sem movimento – murmura enquanto sobe pelo meu corpo, beijando-me à volta da parte de baixo do biquíni.

Puxa-me as fitas de cada lado e o tecido solta-se. Agora estou nua e à sua mercê. Ele beija-me a barriga e mordisca-me o umbigo.

– Ah – suspiro.

Isto vai ser complicado... não fazia ideia. Descreve um rasto de pequenos beijos e dentadinhas até aos meus seios.

– Chiu – acalma-me ele. – És tão linda, Ana.

Gemo, frustrada. Numa situação normal, estaria a abanar as ancas, a responder ao seu toque com um ritmo meu, mas não posso mexer-me. Gemo e puxo os grillhões. O metal afunda-se-me na pele.

– Ai! – queixo-me. Mas, na verdade, não me interessa.

– Tu deixas-me louco – sussurra ele. – Por isso, vou deixar-te louca.

Agora está em cima de mim, apoiado nos cotovelos, e concentra-se nos meus seios. Mordisca, suga, gira-me os mamilos entre os dedos e os polegares, deixa-me fora de mim. Não para. É enlouquecedor. *Oh. Por favor.* A ereção dele faz-me pressão contra o corpo.

– Christian – imploro e sinto o seu sorriso triunfante na minha pele.

– Queres que te faça vir assim? – murmura com a boca encostada ao meu mamilo, fazendo-o enrijecer mais. – Sabes que sou capaz.

Ele chupa com força e eu grito, com o prazer a espraiair-se do meu peito para o baixo-ventre. Puxo desesperadamente as algemas, inundada pela sensação.

– Sim – choramingo.

– Oh, querida, isso seria fácil de mais.

– Oh... por favor.

– Chiu.

Os dentes dele raspam-me o queixo quando leva os lábios até à minha boca e eu arquejo. Ele beija-me. A sua língua destra invade-me a boca, saboreando, explorando, dominando, mas a minha língua corresponde ao desafio e contorce-se contra a dele. Sabe a gin fresco e a Christian Grey e cheira a mar. Segura-me o queixo, mantendo-me a cabeça imóvel.

– Quieta, querida. Quero-te quieta – sussurra contra a minha boca.

– Quero ver-te.

– Oh, não, Ana. Vais sentir mais assim.

E, com uma lentidão agonizante, flete as ancas e entra parcialmente em mim. Normalmente eu inclinaria a bacia para ir ao seu encontro, mas não consigo mexer-me. Ele retira-se.

– Ah! Christian, por favor.

– Outra vez? – provoca-me, com a voz enrouquecida.

– Christian!

Ele volta a entrar em mim e depois retira-se, com os dedos a puxarem-me o mamilo. É uma sobrecarga de prazer.

– Não!

– Queres-me, Anastasia?

– Sim – imploro.

– Diz-me – murmura ele, com a respiração ofegante e volta a provocar-me: entra... e sai.

– Quero-te – choramingo. – Por favor.

Ouço o suspiro suave dele junto ao meu ouvido.

– E vais ter-me, Anastasia.

Ele recua e lança-se para dentro de mim. Grito, inclinando a cabeça para trás, puxando os grilhões enquanto ele atinge o meu ponto de prazer e toda eu sou sensação, por todo o lado – uma agonia doce, tão doce, e não posso mexer-me. Ele imobiliza-se, depois descreve círculos com as ancas e o movimento irradia profundamente dentro de mim.

– Porque me desafia, Ana?

– Christian, para...

Ele faz círculos profundos dentro de mim outra vez, ignorando os meus rogos, sai lentamente e depois torna a investir.

– Diz-me. Porquê? – silva e eu tenho uma vaga noção de que o faz por entre dentes cerrados.

Solto um uivo incoerente... isto é demasiado.

– Diz-me.

– Christian...

– Ana, preciso de saber.

Ele volta a lançar-se para dentro de mim, investe muito profundamente e preenche-me... a sensação é tão intensa – inunda-me, espalha-se em espirais que provêm do meu baixo-ventre e avançam para cada membro, para cada grilhão de metal.

– Não sei! – grito. – Porque posso! Porque te amo! Por favor, Christian.

Ele solta um gemido ruidoso e arremete profundamente, uma e outra vez, sem parar, e eu perco-me, tentando absorver o prazer. É de perder a cabeça... o corpo... anseio por esticar as pernas, controlar o meu orgasmo iminente, mas não posso... estou indefesa. Sou dele, só dele,

para que faça comigo o que quiser... Vêm-me lágrimas aos olhos. Isto é demasiado intenso. Não consigo pará-lo. Não quero pará-lo... Quero.. Quero... oh, não, oh, não... isto é demasiado...

– Assim mesmo – resmoneia Christian. – Sente, querida.

Detono à volta dele, uma e outra vez, de novo e de novo, gritando bem alto enquanto o orgasmo me rasga, me queima como um fogo descontrolado, consumindo tudo. Fico exausta, com lágrimas a escorrerem-me pelo rosto – e o corpo a latejar e a tremer.

E apercebo-me de que Christian se ajoelha, ainda dentro de mim, e me puxa até eu estar no seu colo. Agarra-me a cabeça com uma mão e as costas com a outra e vem-se violentamente dentro de mim enquanto o meu interior continua a estremecer com réplicas de prazer. É esgotante, é estafante, é um inferno... é o céu. É um hedonismo selvagem.

Christian arranca-me a venda e beija-me. Beija-me os olhos, o nariz, as faces. Limpa-me as lágrimas com beijos, segurando-me o rosto entre as mãos.

– Amo-a, Mrs. Grey – sussurra. – Apesar de me deixar tão zangado... sinto-me tão vivo consigo.

Não tenho energia para abrir os olhos ou a boca para lhe responder. Com muita delicadeza, ele volta a deitar-me na cama e sai de dentro de mim.

Murmuro um protesto sem palavras. Christian levanta-se da cama e solta as algemas. Quando fico livre, esfrega-me suavemente os pulsos e os tornozelos e depois volta a deitar-se ao meu lado, puxando-me para os seus braços. Estico as pernas. Oh, céus, sabe mesmo bem. Sinto-me bem. Foi, sem dúvida, o clímax mais intenso que já tive. Hum... uma foda punitiva das cinquenta sombras de Christian Grey.

Tenho mesmo de me portar mal com mais frequência.

Uma necessidade premente da minha bexiga acorda-me. Quando abro os olhos, estou desorientada. Vejo pela janela que é de noite. *Onde estou?* Londres? Paris? Oh – o barco. Sinto-o oscilar e avançar e ouço a vibração calma dos motores. Estamos em movimento. *Que estranho.* Christian encontra-se ao meu lado, a trabalhar no portátil, informalmente vestido com uma camisa de linho branco e umas calças de algodão,

descalço. Ainda tem o cabelo molhado e sinto o odor do seu corpo acabado de sair do duche e a cheirar a Christian Grey... *Hum*.

– Olá – murmura ele, baixando a cabeça para me fitar com um olhar caloroso.

– Olá. – Sorrio, de súbito a sentir-me tímida. – Quanto tempo estive a dormir?

– Só uma hora, mais ou menos.

– Estamos a avançar?

– Achei que, como jantámos fora ontem à noite e fomos ao *ballet* e ao casino, podíamos jantar a bordo esta noite. Uma noite tranquila à *deux*.

Sorrio-lhe.

– Onde vamos?

– A Cannes.

– Ok.

Espreguiço-me, sentindo-me hirta. Não havia treino com Claude que pudesse ter-me preparado para aquela tarde.

Levanto-me a custo, pois preciso de ir à casa de banho. Agarro no meu robe de seda e apresso-me a vesti-lo. Porque estou tão envergonhada? Sinto o olhar de Christian a seguir-me. Quando olho para ele, torna a concentrar-se no portátil, com o sobrolho franzido.

Enquanto lavo as mãos distraidamente no lavatório, recordando a noite anterior no casino, o meu robe abre-se. Chocada, fito o meu reflexo no espelho.

*Grande porra!* O que me fez ele?